

INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SETÚBAL



Projecto

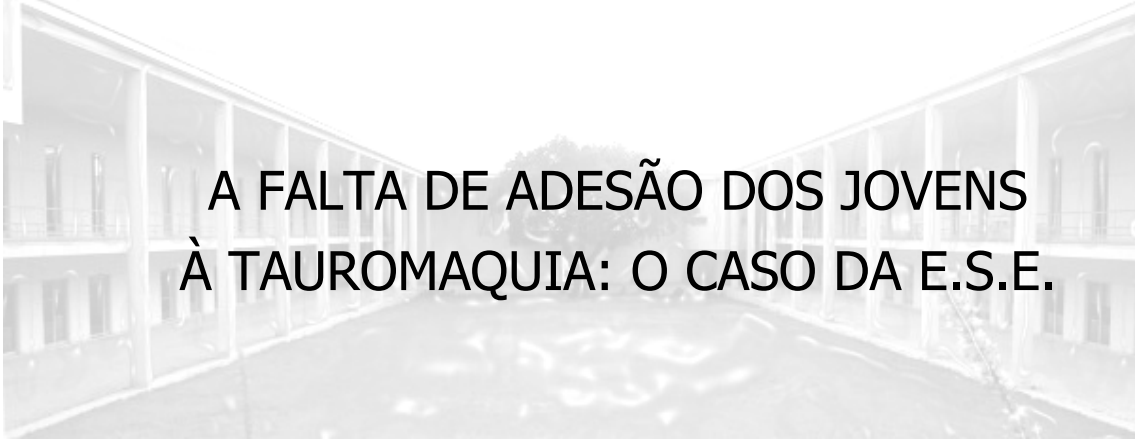
Comunicação Social

Ano lectivo 2006/2007

Docentes:

Ana Maria Pires Pessoa

Fernando Miguel Vasconcelos Almeida



A FALTA DE ADESÃO DOS JOVENS À TAUROMAQUIA: O CASO DA E.S.E.

Filipe Gonçalo Godinho Pedro Da Conceição, 3º ano

Pedro Trindade Sena, 3º ano

Setúbal

6 de Julho de 2007

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

HISTÓRIA DA TAUOMAQUIA EM PORTUGAL ATÉ AO SÉCULO XIX

“Correr toiros, cansá-los para em seguida os matar como prática cinegética deve ter existido desde que o Homem pôde servir-se do cavalo como auxiliar precioso” (D’ANDRADE, 1991). Os primórdios da tauromaquia têm origem na Grécia antiga onde ocorriam batalhas entre os nobres e os toiros. Estes combates surgiam no intervalo das guerras com um cariz lúdico e desportivo nos quais os homens tinham por objectivo fazer exercício físico (MORAIS, 1992). Em Portugal, implantou-se a primeira praça de touros desmontável que há memória, junto do Palácio Real bem perto do Terreiro do Paço, em 1451 (ÁLVARES, 1998). Por alturas dos reis portugueses, D. Dinis, D. Sancho I, D. Sancho II e D. Afonso III, de acordo com Alexandre Herculano, os cavaleiros já caçavam touros com instrumentos¹ que equivalem hoje à bandarilha e ao ferro.

No século XV, as cidades de Évora e Leiria acolheram touradas onde o toureio teve o seu começo no seio daqueles que possuíam terras e animais. Segundo António Morais, surgiram as primeiras touradas onde “pareciam autênticas caçadas com algum carácter sanguinário” sendo que a “destreza e a força se impunham”. A metamorfose sucessiva até ao quotidiano no toureio deve-se em grande parte aos povos que habitavam o sudoeste de França, zona onde se faziam saltos sobre toiros que deram origem à vara larga, isto é, as actuais largadas do toiros nas ruas onde indivíduos tomam e lidam o toiro. Na Idade Média, os escravos desafiavam os touros e a própria vida ao tourear o animal sem cavalos em defesa dos seus senhores.

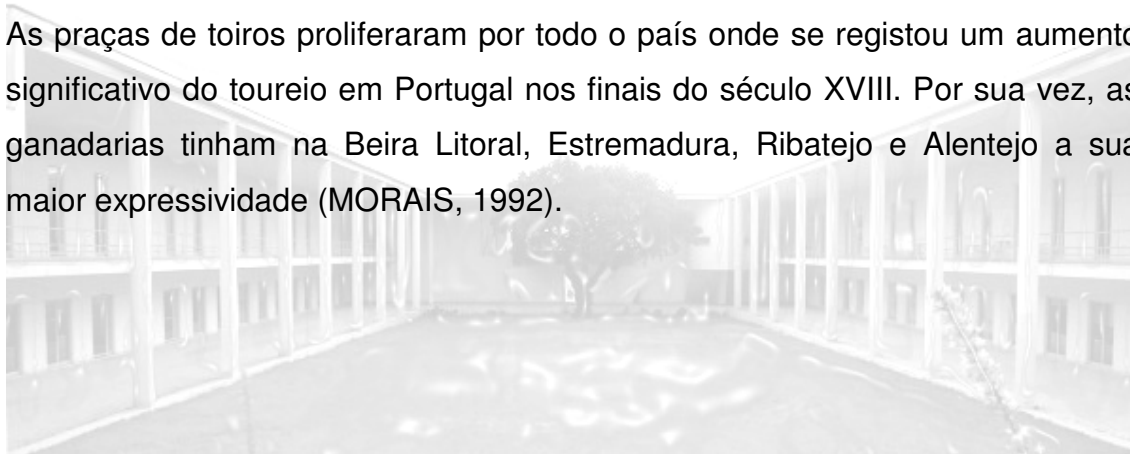
A Praça do Comércio e o actual Terreiro do Paço, em Lisboa, foram palcos dos mais expressivos eventos taurinos até 1640. O rei D. Sebastião foi considerado aquele que mais colaborou no desenvolvimento da tauromaquia em Portugal.

¹ A lança foi o objecto predominantemente usado no século XIII.

Durante anos, os mais diversos monarcas que o país conheceu deram origem a regras escritas sobre o toureio a cavalo, realizaram touradas de recepção e outras festividades comemorativas a reis de outros países.

No dia 27 de Abril de 1784 teve lugar uma corrida de toiros por ocasião as festas dedicadas a Nossa Senhora do Cabo, em Lisboa. Nesta ocasião registou-se o primeiro momento na história da tauromaquia onde estiveram presentes os três espadas² espanhóis, de acordo com documentos da época. Importa referir o facto de que surgiu a proibição dos toiros de morte no reinado de D. Maria II mais precisamente com o decreto-lei de 19 de Setembro de 1836. A monarca tentou ainda restringir as corridas de toiros à portuguesa embora sem sucesso ao ser impedida pelas Cortes, a 30 de Junho de 1837.

As praças de toiros proliferaram por todo o país onde se registou um aumento significativo do toureio em Portugal nos finais do século XVIII. Por sua vez, as ganadarias tinham na Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo e Alentejo a sua maior expressividade (MORAIS, 1992).



² Os espadas espanhóis correspondem aos actuais matadores ou toureiros a pé.

HISTÓRIA DA TAUROMAQUIA EM SETÚBAL

As referências às corridas de touros realizadas em Setúbal reportam-se, no mínimo, desde o reinado de D. João II. Uma célebre corrida de touros nesta localidade lusa teve lugar em 1488, aquando da visita do príncipe da Guiné Behomi. Em 1532, o Papa Pio V endereçou uma carta à Câmara Municipal de Setúbal a autorizar as corridas taurinas. Os espectáculos com toiros à corda surgiram cerca de trinta anos mais tarde onde se inseriam nas festividades do Corpo de Cristo, da Ressurreição, de Santa Isabel e de S. Sebastião (MORAIS, 1992). No final do século XV, os espectáculos tauromáquicos tinham lugar no Terreiro do Sapal, actual Praça do Bocage.

Mais tarde, em 1755, as corridas começaram a realizar-se numa praça de madeira no Campo do Bonfim. Ao longo de todo o ano tiveram lugar algumas corridas no local. Já em 1767, foi construído um palanque para o município e uma trincheira de sombra para os Oficiais de Justiça com a realização de três corridas tauromáquicas a favor da Irmandade do Santíssimo de S. Julião. As melhores famílias da cidade do Sado projectaram construir outra infra-estrutura com camarotes, varandas corridas e trincheiras. Esta praça esteve no activo até 1826 sendo que quinze anos depois foi edificada nova praça de toiros situada no Convento de S. João tendo existido até 1887.

A inauguração da actual praça de toiros Carlos Relvas, na altura conhecida por Praça Dom Carlos, teve lugar no dia 15 de Setembro de 1889 com a lide de dez toiros. A praça de espectáculos taurinos teve como seu fiador António José Batista, nome actual do bairro que envolve a praça de corridas de toiros junto à estação ferroviária da cidade sadina. A lotação inicial da infra-estrutura rondava os 4.800 lugares sendo mais tarde alargada para uma capacidade de 5.500 espectadores. As corridas de maior destaque têm lugar por altura da Feira de Santiago, nos meses de Julho e Agosto.

CLASSES SOCIAIS

As corridas de toiros em praças construídas para o efeito acolhem um vasto leque de individualidades de vários estratos sociais, quer sob a perspectiva do público que assiste, quer do ponto de vista de quem organiza e tem um papel activo e participativo na corrida. O pessoal de uma praça de toiros pode ser composto por porteiros, bilheteiros, arrumadores, músicos, polícias, bombeiros, enfermeiros, médicos, veterinários, moços de arena, moços de curro, embolador, distribuidores de bandarilhas, campinos, director da corrida, entidades/representantes da autoridade, entre outros. (D'ANDRADE, 1991).

Manuel Gonçalves, o mais antigo empresário tauromáquico português, salienta que os bandarilheiros, cavaleiros, matadores (nas corridas de toiros realizadas em Espanha) e ganadeiros estão associados a famílias abastadas, de classe média/alta, em questão económica. De acordo com uma reportagem exibida pela SIC, na semana de 9 de Junho de 2003, os toureiros podem ganhar até 10.000 contos por corrida. Os ganadeiros são pagos para criar, alugar e vender toiros para touradas.

Por sua vez, os forcados na sua generalidade caracterizam-se por pertencerem à classe social baixa ou média-baixa. De facto, esta tendência tem vindo a esbater-se pois os jovens provenientes de famílias de classe alta iniciam a vida na tauromaquia através dos grupos de forcados juvenis. Ainda assim, os forcados não recebem compensações monetárias nas corridas de toiros e, pontualmente, quando auferem a quantia não é comparável à dos intervenientes já referidos.

Um estudo efectuado ao espectáculo taurino, de Barrancos, permitiu retirar algumas ilações do retrato socioeconómico que o interior do país enfrenta. De acordo com Luís Capucha, o regime latifundista sofreu um grande recuo. O sector agrário mantém o peso das grandes terras, mas cresceram as pequenas explorações e surgiu a cooperativa agrícola. As explorações extensivas

perderam grande parte da sua prosperidade económica e o emprego de assalariados decresceu vertiginosamente. (CAPUCHA, 2002)

Os espectáculos taurinos estão associados, por vezes, a festas religiosas ou em dias comemorativos consoante o local. Assim, são vistos como um escape à vida quotidiana e rotineira criando um clima de festa que faz esquecer as desigualdades e outros problemas sociais colocando a sociedade numa “irreal” igualdade.

O ESPECTÁCULO COMO NEGÓCIO

A tauromaquia conhece, também, uma vertente empresarial na medida em que para ser realizada uma corrida de toiros, são precisos encargos financeiros que só os empresários e financiadores privados dentro do ramo são capazes de suportar. Derivado a este facto, são criadas empresas tauromáquicas que tem como objectivo organizar as corridas de toiros nas várias praças portuguesas. As diferentes empresas disputam os melhores cartéis entre elas, negociam os melhores toiros das melhores ganadarias bem como os melhores cavaleiros, bandarilheiros e grupos de forcados. Os intervenientes do cartel são representados pelos seus apoderados, no qual são “disputados” através das melhores propostas permitindo que haja movimentação de capital, o que torna as corridas de toiros rentáveis para os empresários e para os intervenientes, principalmente bandarilheiros, matador de toiros e cavaleiros.

Na maioria dos casos, é a receita dos bilhetes vendidos nas corridas de toiros que sustenta as empresas tauromáquicas, contudo há situações em que os lucros da bilheteira, no caso de praças da Santa Casa da Misericórdia, revertem a favor de instituições de solidariedade, cumprindo, a tauromaquia, nas acções no ramo social.

Ao nível do marketing e da publicidade, os empresários tauromáquicos são também aqueles que financiam agências noticiosas taurinas, empresas de publicidades e canais de televisão para que seja consumada toda a publicidade e transmissão do espectáculo da “festa brava”.

OUTRAS ACTIVIDADES DE LAZER

Nos dias de hoje vivemos numa era em que recorremos cada vez mais a determinadas actividades para preencher os tempos livres. É na tentativa de quebrar o *stress* da rotina escolar, do emprego e casa, que as diversas actividades de lazer assumem um papel preponderante na formação pessoal e social do indivíduo.

No caso dos jovens, são vários os factores que influenciam a escolha das suas actividades para preencher os seus tempos livres, pelo que o seu grupo de amigos, a família, o contexto social em que se insere e a zona geográfica onde habita podem ser fundamentais para a influência nas suas escolhas.

As actividades que os jovens portugueses, na sua generalidade, mais aderem para preencher os seus tempos livres são os desportos. Dentro desta actividade existe um conjunto de modalidades disponíveis, desde os desportos “clássicos” como o futebol, o basquetebol, o andebol ou o atletismo, muito procurados e praticados pela maioria dos jovens e, ainda existem, os desportos *indoor* como a ginástica, o futebol de salão, o hóquei em patins ou alguns desportos alternativos que requerem algumas condições prévias, sejam elas monetárias ou geográficas, mas que nem assim deixam de ser mais praticados e procurados. Nesta variante desportiva podemos encontrar, por um lado, os desportos aquáticos como o surf, *bodyboard*, *skimmy*, *kitesurf* e mergulho. Por sua vez, surgem os desportos motorizados como o *motocross*, karting ou *kartcross* e, também, os desportos radicais e/ou urbanos que englobam o *downhill*, skate, BTT, patins em linha, entre outros.

Os desportos que estão em contacto com a natureza, que podem ser englobados nos desportos radicais, tal como o montanhismo, o *bungee jumping*, o *rafting* ou a escalada, proporcionam uma fonte de energia e momentos de entretenimento.

Algumas actividades e desportos podem ser equiparados à tauromaquia sob a perspectiva de haver contacto com animais e por estarem relacionadas com as

actividades praticadas nas áreas rurais. Deste modo, a caça e a pesca desportiva, mas principalmente a equitação surgem como alternativas próximas ao toureio, tendo estas maior adesão e receptividade nas zonas campestres. Os jovens têm mais tempo, após o horário escolar, do que qualquer outro escalão etário, o que os torna um grupo com maior oportunidade de praticar estas actividades onde a família e o grupo de amigos é determinante para a prática e captação dos jovens nas mais variadas modalidades.

Um factor desviante ou que afasta a adesão dos jovens à prática ou assistência da tauromaquia são as novas tecnologias. No quotidiano, as tecnologias apesar da crescente mobilidade ainda tendem a direccionar as pessoas para casa onde lhe dedicam mais tempo, entrando em ruptura com práticas tradicionais que outrora eram motivo de diversão e lazer dos jovens na rua ou nas associações recreativas.

Cada vez mais os jogos de consolas, os computadores, os dvd's e a internet contribuem para que os jovens optem por uma "vida virtual", dado que a tecnologia prevalece sobre os rituais e "tradições" antigas, seja nas actividades laborais ou no lazer.

